

PODCASTS: ferramenta pedagógica de aproximação entre extensionistas e recuperandos da APAC de Santa Luzia, na pandemia

PODCASTS: pedagogical tool for approaching extensionists and prisoners of the APAC de Santa Luzia, in pandemia

Robson Figueiredo Brito¹

Antônio Libério de Freitas Tomaz²

Matheus Matos Oliveira³

Resumo

Este artigo é resultado do trabalho de equipe no Projeto de Extensão: Deus é para Todos, do Curso de Filosofia, pertencentes ao *Programa (A) penas Humanos* da Proex da PUC Minas, que atua na APAC em Santa Luzia cuja intenção é de apresentar *podcasts* como ferramenta pedagógica de aproximação entre os extensionistas e os recuperandos desse sistema prisional na Pandemia da Covid-19. O conteúdo temático desenvolvido nestes arquivos digitais versa sobre o Amor e o Tempo, embasado em concepções filosóficas e teológicas, narrado por dois alunos extensionistas do referido projeto. O objetivo central deste trabalho é de examinar os modos de dizer dos narradores dos *podcasts* no que toca às evidências linguístico-discursivas que desvelam a heterodiscursividade da linguagem em relação aos movimentos dialógicos ligados à amorosidade e à temporalidade em um momento de imposição de isolamento social decorrente desta Pandemia, em todo o Brasil. Nesta produção assumiu-se a orientação metodológica da pesquisa narrativa e de relato de experiência, de cunho qualitativo, para demonstrar índices discursivos deixados pelos sujeitos narradores no texto/discurso gravados nos arquivos digitais, substancialmente carregados por relações valorativas entre atores envolvidos. Com este estudo, pode-se explicitar que a construção dos *podcasts* reflete o trabalho do sujeito com e sobre a língua, com e sobre o discurso, constituindo-se um modo de dizer revelador de como o isolamento social imposto pela Covid-19 os atravessou e afetou suas identidades como partícipes do Projeto, mas não os deixou sem esperança e, por isso, disseram, narram sobre o Amor e o Tempo, a fim de que os recuperandos, em cumprimento de pena, conseguissem ouvir estas vozes do outro disposto a acolhê-los como irmãos, ainda que distantes presencialmente.

Palavras-chave: *Podcasts*. Extensão. Linguagem. Modos de dizer. Educação.

¹ Professor Adjunto I e Coordenador de Extensão do Curso/Departamento de Filosofia do Instituto de Filosofia e Teologia Dom João Resende Costa da PUC-MINAS, Coordenador do Projeto *Deus é para Todos*, Licenciado em Filosofia, Psicólogo Clínico, Doutor em Linguística e Língua Portuguesa, Pesquisador do NELLF (Núcleo de Estudos da Linguagem Letramentos e Formação) do PPG – Letras, da PUC Minas, robsonpucminas@gmail.com.

² Graduado do Curso de Filosofia e Graduando em Teologia pela PUC Minas, Extensionista do Projeto *Deus é para Todos*, antonioliberio23@gmail.com.

³ Graduando em Filosofia (Licenciatura) pela PUC Minas, Extensionista do Projeto *Deus é para Todos*, matheusmatosoliveira@outlook.com.

Abstract

This paper is the result of teamwork for the Extension Project: God is for Everyone, which is part of the Program Human Sentences of Proex, from the Philosophy Course at PUC Minas. It depicts prisoners at APAC in Santa Luzia and its intention is to present podcasts as a pedagogical tool of approximation between extension program students and those criminals kept in the prisoners system during the Pandemic Covid 19. The thematic content developed in these digital files deals with “Love and Time”, based on philosophical and theological conceptions narrated by two students of the referred project. The main objective of this work is to examine the narrator’s ways of saying, regarding the linguistic-discursive evidences that unveil the hetero discursivity of a language and its relation to the dialogical movements linked to loving and temporality components, in times of social isolation imposition resulting from the pandemic throughout Brazil. In this production, it was assumed a methodological orientation of the narrative research and experience report; a qualitative nature, to demonstrate discursive indexes produced by the narrators in the text / discourse recorded in the digital files, substantially charged with valuable relationships between the actors involved. With this study, it can be made clear that the construction of podcasts reflects the work of each student with and about language, with and about discourse, constituting a revealing “way of saying” regarding how social distancing imposed by Covid 19 crossed the prisoners and affected them, their identities as participants in the Project. Nevertheless, prisoners were not left without hope and students, therefore, narrated about Love and Time so that prisoners, while serving their sentences could hear these voices of the unknown willing to welcome them as brothers, albeit distant in person.

Keywords: Podcasts. Extension. Language. Ways of saying. Education.

Introdução

Considerando o enfoque dos Estudos da Linguagem a respeito do processo de dialogicidade do dizer, em especial, no que Volóchinov (2017) afirma sobre a força da palavra no meio social e também a não neutralidade da palavra no discurso cotidiano, tomamos como referência o poder do dizer como um fenômeno essencial a qualquer ato ideológico consciente. Isto posto, não se pode deixar de refletir como esse poder de dizer penetra o discurso cotidiano sem compreender a organicidade deste fenômeno porque a palavra é o meio substancial da comunicação social, principalmente em relação aos elementos possíveis de comunicabilidade em tempos de Pandemia no contexto de um Regime Letivo Remoto⁴ que se impôs aos estudantes e professores de um Programa de Extensão que lida com recuperandos da

⁴ Nome atribuído pela PUC Minas ao Regime letivo para lidar com a questão do isolamento social imposto pela Organização Mundial de Saúde (OMS) e acatado, inicialmente, pelo Ministério da Saúde do Brasil em 2020, a partir de março, na Pandemia da Covid-19.

Associação de Proteção e Assistência ao Condenado no âmbito do Programa da PUC Minas denominado *(A)penas Humanos*.

O Programa (A)penas Humanos: ações interdisciplinares no âmbito da APAC teve início no ano de 2008 e, atualmente, contempla o Projeto de responsabilidade da Coordenação de Extensão do Curso de Filosofia denominado *Deus é para Todos*, cujo escopo é contribuir com os recuperandos no que diz respeito ao processo de promoção e valorização do homem, compreendido como criatura de Deus. E, para a efetivação desse trabalho de extensão – que envolve alunos do curso de Filosofia, na modalidade da Licenciatura e de Teologia em preparação para o Sacerdócio, criamos neste Regime Letivo Remoto, em condição especial, um artefato pedagógico: *podcasts* semanais, cujo conteúdo abarca temas das áreas mencionadas, para não se perder o vínculo já estabelecido anteriormente entre os alunos extensionsitas, o professor coordenador do Projeto e os recuperandos da APAC, em Santa Luzia.

Em toda construção simbólica do homem, as interações entre EU-OUTRO são de fundamental importância para criação de uma cultura e de uma linguagem, de sorte que essa relação de proximidade entre um indivíduo e outro é marcada por uma grande tensão, isto é, ambos são atravessados por uma memória discursiva⁵.

É a partir dessa interação que compreendemos a necessidade de convívio com o próximo para não nos aniquilarmos. Na História do Pensamento Ocidental, já na Modernidade, nos deparamos com o estado de natureza hipotético, pensado por Hobbes, observamos que, no estado de guerra de todos contra todos, não é o mais forte por natureza que aniquila e mata o outro, mas sim a junção de um grupo para conquistar aquilo que suas vontades desejam, “no que diz respeito à força corporal, o mais fraco tem força suficiente para matar o mais forte [...] aliando-se a outro que se ache no mesmo perigo em que ele se encontra [...]” (HOBBS, 2009, p. 93).

Concebendo o perigo constante à vida, os indivíduos se interagem para criação de um estado que tem como pressuposto a preservação da vida dos indivíduos que o instituiu. Essa interação entre os indivíduos no estado de natureza é o que possibilita também a construção de um meio social entre eles, isto é, um Estado. A construção de todo meio simbólico também se

⁵ Em outro trabalho (BRITO, 2019), operamos com este conceito com base nos estudos do Círculo de Bakhtin, no sentido de explicar que o sujeito ao dizer é atravessado por uma série de outros discursos, ou seja, a materialidade do interdiscurso se apresenta nesses espaços discursivos com os quais o sujeito tem de dialogar. Não se pode deixar de mencionar que o dizer faz parte de uma dinâmica própria do diálogo e está sempre orientado por algo que já foi dito e que as vivências da vida se atrelam aos sistemas ideológicos construídos como: a ideologia do cotidiano, a arte, a moral, o direito, a ciência e, com isso têm mediação/interferência com réplicas de outrem dentro de um contexto socioideológico, discutidos por Bakhtin (2016) e Volóchinov (2017).

constitui através dessa relação entre os indivíduos, tal relação é precursora da complexa teia cultural da humanidade.

O meio simbólico constituído através da relação entre indivíduos possibilita a criação do campo simbólico, “todo conhecimento e toda relação do homem com o mundo se dão no âmbito das diversas formas simbólicas” (FERNANDES, 2000, p. 2). Cassirer (1874-1945) é o precursor do entendimento de que o homem é um animal simbólico, “Cassirer diferencia e define o homem como um animal simbólico, um ser que cria signos e símbolos e dessa forma “interpreta” (constrói) a realidade.” (apud FERNANDES, 2000, p. 5).

Destarte, é possível pensar que a interação entre indivíduos se faz essencial para a construção de sua subjetividade e para a manutenção da vida. Com isso presente em nossas discussões acerca da prática de extensão com os recuperandos do Sistema APAC, em um momento tão sensível e amedrontador que acomete a sociedade hoje, foi necessário refletir sobre a importância e a permanência de diálogo entre indivíduos nesta Pandemia.

A medida da OMS referente ao isolamento muda, assim, toda uma dinâmica social que estava posta e construída. Sobre isso vê-se a necessidade de manutenção do vínculo e o contato entre os indivíduos, ao que concerne o projeto (*A*)*penas Humanos*: ações interdisciplinares no âmbito da APAC, introduzimos uma forma inovadora de trabalho.

É neste momento de urgências subjetivas e sociais que a interação e o diálogo se tornam mais prementes. Por esse motivo, a criação de *podcasts* com temas referentes à Filosofia e à Teologia se constitui em um artefato pedagógico que possibilitou a manutenção do vínculo e o contato entre professor, extensionista e recuperandos.

No que tange ao papel da Teologia no mundo, sob a ótica do trabalho de extensão em uma unidade de recuperação – APAC Santa Luzia – notamos que o trabalho do teólogo vai além da participação de uma mesma visão de fé com aqueles que ali estão e se professam cristãos, mais especificamente cristãos neopentecostais, o que corresponderia a uma visão ecumênica da fé, porque nosso trabalho abarca a ótica do diálogo inter-religioso, uma vez que não dialogamos apenas com recuperandos cristãos, isto é, que professam a fé em Jesus Cristo, mas, em nossas rodas de conversa, acolhemos e refletimos com aqueles que se dizem agnósticos e/ou ateus.

Desse modo, a mensagem teológica não está isenta do mundo, ela não é utópica, mas parte integrante da realidade onde está imersa, lançando luz em meio à escuridão da existência humana permeada por suas inúmeras fragilidades, pois a construção de

[...] uma teologia sólida oscila entre a escuta atenta e a elaboração ativa e construtiva do significado do que se escutou. A teologia é rítmica, uma vez que o teólogo avança e recua ante a consulta às fontes, para se certificar da mensagem ali contida, e a explicação do significado do testemunho dela àqueles que creem, hoje (WICKS, 2014, p. 35).

UM POUCO DE FUNDAMENTAÇÃO: o caminho teórico de nosso trabalho

A dialogicidade do dizer

Em nossos estudos (BRITO, 2019), construímos olhar sobre a temática da dialogicidade do dizer em sintonia com os fundamentos dos estudos do Círculo de Bakhtin e da Análise do Discurso no que respeita, sobretudo, aos princípios da dialogicidade da linguagem, ao da alteridade e ao de auditório social. Essas orientações teóricas postulam que a construção do indivíduo como sujeito social, histórico e cultural dá-se em práticas de linguagem promovidas pelas (e nas) interações sociais, imerso numa coletividade. No caso deste artigo, vamos focar a dialogicidade do dizer, a partir da leitura de textos filosóficos e teológicos, nestes tempos de isolamento social, com o uso das ferramentas tecnológicas de comunicação acessíveis nas redes sociais, como os *podcasts*.

Sob o enquadre do pensamento do Círculo de Bakhtin, a leitura e a narração de um texto sempre supõem uma interação, uma interlocução, que pode suscitar réplica, uma vez que as palavras não são neutras, de modo que o sujeito lê, compreende e comenta responsivamente a respeito do que o texto dialoga. E também estendemos a compreensão desse processo de interação e interlocução, ou seja, de dialogicidade com o texto em relação à feitura de *podcasts* direcionados aos recuperandos da APAC de Santa Luzia participantes do *Projeto Deus é para Todos*.

Sobre isso, Bakhtin (2016, p. 115) argumenta: “a alma do compreendedor não é uma tábula rasa, a palavra luta com ela e a reorganiza”. O sujeito está convidado a lutar com os recursos linguísticos advindos desse diálogo, o qual “[...] envolve enunciados de ao menos dois sujeitos, mas sujeitos interligados por relações dialógicas [...]” (BAKHTIN, 2016, p. 114).

Dessa forma, podemos compreender, no cerne dos fundamentos construídos pelo Círculo de Bakhtin, que “o enunciado se forma entre dois indivíduos socialmente organizados e, na ausência de um interlocutor real, ele é ocupado, por assim dizer, pela imagem do representante médio daquele grupo social ao qual o falante pertence” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 204).

No nosso caso, por estarmos em Regime Letivo Remoto, em isolamento social e “impedidos” de contato presencial com os recuperandos da APAC, resolvemos acionar a nossa memória discursiva e propor conteúdos temáticos ligados a questões da amizade, do amor, da aceitação, do tempo sob a égide dos conhecimentos filosóficos e teológicos do professor orientador e dos alunos extensionistas participantes do referido projeto de extensão.

Posicionamentos discursivos

A noção de posicionamento pode ser entendida como um aporte para se pensar a efetivação do trabalho de interpretação, haja vista que nós, os seres humanos, podemos, por meio da linguagem e especialmente pelos nossos modos dizer, ser flagrados através dos recursos linguístico-discursivos que exaram de vestígios, índices, sinais e pistas linguísticas deixados em nossa operação com a língua(gem), os quais revelam e podem mostrar posições-sujeitos⁶ presentes em nossas identidades e, por esse motivo, podem desvelar as diversidades muitas vezes atravessadas pelo Inconsciente.

A ação de tomar a palavra requer do sujeito falante certas estratégias linguístico-discursivas que compõem uma dada cena enunciativa, principalmente em termos da oralidade, em que devemos considerar o contexto e o grupo no qual ele se insere, haja vista que nesse processo de narrar e arquivar digitalmente uma mensagem, cujo conteúdo versa sobre reflexões acerca da vida e da fé, em um caso especial, está o trabalho extensionista no projeto *Deus é para todos!*

Dizer e calar-se *mostra e/ou oculta* sempre uma posição de um ser humano que não está só no mundo, pois participa dos mais variados grupos que se formam na sociedade ao longo da história das relações de disputa de poderes políticos, econômicos, bélicos e nos mais diversos setores.

Esse ser humano não é, a partir desse ponto de vista dos embates das relações de poder sociais, apenas um indivíduo dotado de características biológicas, particularizado por um conjunto de dados que *a priori* parecem exclusivos. Tal suposto indivíduo, observado por um

⁶ As posições-sujeito se instituem a partir da multiplicidade de discursos que atravessam os sujeitos em seus dizeres e, seguindo os postulados da Análise do Discurso, considerar que esse sujeito assume várias posições, expressas pelos modos de dizer, que revelam e constituem suas identidades em suas diversidades, correspondendo aos valores defendidos, de modo consciente ou inconscientemente por ele, dado que caracterizam a identidade social e ideológica já trabalhada em outros estudos de Brito (2016 e 2019).

conjunto de teorias que consideram que a materialidade histórica das relações sociais constitui o homem além de seu tempo e espaço, o vê como um sujeito.

Ele, sujeito falante e do discurso, se constitui de maneira heterogênea e é carregado de conflitos, uma vez que somos seres falantes, organizadores de discursos em relação uns com os outros, e que, juntos, produzimos vozes por meio de nossos enunciados.

A construção dos sentidos languageiros se processa justamente por meio das práticas discursivas com a constituição e o surgimento do sujeito. Há marcas do coletivo social em qualquer prática de linguagem, mas não se pode deixar de considerar que não há discurso sem sujeito; sua presença é constatada em qualquer forma de discurso e, por isso, não pode ser tomado como algo exterior ao sujeito, mas como um modo de dizer que se faz presente em sua vida, sob os diversos pontos de vista: histórico, social, ideológico e político.

Tudo isso se apresenta no discurso de forma relacional e interacional e, por essa razão, cria-se uma rede de significados e significações entre os discursos, caracterizando uma propriedade importante a ser considerada nos estudos bakhtinianos denominada interdiscursividade, que se caracteriza por atravessamentos multiformes de discursos dentro do próprio discurso. Além disso, há que se destacar o modo como sujeito enuncia/diz/fala/representa pontos de interseção que marcam as diferentes posições de sujeitos, e também dos diferentes discursos que interpenetram e perpassam a cadeia de outros discursos.

A Alteridade: o outro em Lévinas

No âmago da dialogicidade, é perceptível a necessidade da relação EU-OUTRO. É por meio dessa conexão que se estabelece todo meio dialógico, é com Emmanuel Lévinas (1906-1995) que inauguramos o retorno ao Outro, esse Outro que representa toda alteridade das relações humanas.

Decorrente de uma cultura moderna individualista, a Contemporaneidade, se tornou o fruto do ideal emancipatório da modernidade “*fraternité, liberté, égalité*”, inaugurado por Descartes com seu *cogito*. O “penso, logo existo” de Descartes possibilita de tal forma um autocentramento do sujeito como agente significativo do mundo.

Esta perspectiva moderna é altamente criticada por Lévinas. Ele concebe o Outro como abertura para todas as relações entre os indivíduos, ou seja, é só a partir de outrem que podemos construir e entender o mundo ao meu redor. Ao passo que essa relação entre EU-OUTRO, não é simétrica; como exposto, é uma relação heterogênea. A relação não é somente entre EU-OUTRO, entre dois indivíduos, mas entre uma multiplicidade de seres humanos. Diz Lévinas

(2005, p. 143) “se ele fosse meu único interlocutor, eu só teria tido obrigações! Mas não vivo num mundo onde só há um “primeiro a chegar”, sempre há no mundo um terceiro: ele também é meu outro”.

Dito isto, as atividades no projeto (*A)penas Humanos: ações interdisciplinares no âmbito da APAC*, recuperaram um ponto importante do pensamento levinasiano, a responsabilidade por outrem. Tal responsabilidade pressupõe a abertura ao outro, a essa alteridade retomada por Lévinas, é aceitar o outro como outra-mente, isto é, sem colocar contextos. Esse outro toma a forma de Rosto no pensamento levinasiano, e sobre isso Lévinas diz que “o Rosto está, exposto ameaçado, como se nos convidasse a um ato de violência. Ao mesmo tempo, o Rosto é o que nos proíbe de matar”. É atendendo a esse pedido de não matarás que nos tornamos responsáveis por outrem. (2007, p. 70).

Em suma as atividades possibilitaram a manutenção e o debate da alteridade, essa abertura ao outro e o contato com o outro, assumindo também a responsabilidade a esse Rosto; é por meio dessa dialogicidade que se abre a possibilidade de abertura ao outro.

A ação da Teologia no mundo

A teologia, enquanto ciência humana, abarca um vasto campo de conhecimento, desde questões relacionadas à fé quanto a implicações de cunho ético-moral que perpassam a existência humana, esse imensurável universo nos possibilita uma ampla esfera de pesquisa, investigação e atuação na sociedade.

Em vista disso, “a teologia trabalha incessantemente, sobretudo, para apresentar as contribuições que a mensagem e suas implicações possam oferecer em determinada época, para uma comunhão mais profunda com Deus e uma vida íntegra, santa e construtiva na sociedade” (WICKS, 2014, p. 37).

Quanto ao papel da teologia no mundo e suas implicações, Wicks ressalta que:

O teólogo é, antes de tudo, um crente que participa da visão e da esperança transmitidas pela fé da Igreja, o que implica uma relação especial com os livros da Escritura reunidos na Bíblia. Juntamente com outros crentes, ele considera a Bíblia uma fonte de alimento pessoal e um guia digno de confiança (2014, p. 39).

Dessa maneira, o teólogo, estudioso da Palavra e homem de fé, assimila que a seara do seu trabalho reflexivo está alicerçada intimamente na Escritura, assumindo-a “[...] como um campo privilegiado a explorar e que transmite uma mensagem que contribui quotidianamente

para sua imaginação, oração e reflexão sensata” (WICKS, 2014, p. 40).

Orientação Metodológica

Nosso propósito é apresentar e discutir neste tópico a metodologia sobre a qual se fundamenta a atividade de coleta de dados produzida para este artigo em tela. Assumimos como orientação metodológica a pesquisa narrativa⁷ com relato da experiência de construir os *podcasts*. Isto pode nos oferecer uma chave de leitura para revelar vestígios, pistas e ou marcas linguístico-discursivas deixadas pelos sujeitos narradores no texto/discurso gravado neste arquivo digital que será interpretado neste trabalho, uma vez que estamos considerando a opacidade da e na Língua(gem).

Em outros trabalhos (BRITO, 2016, 2019) elegemos a Análise do Discurso (AD) que trata do discurso como palavra em movimento, ou seja, como prática de linguagem para estudar o homem falando, conforme nos lembra Orlandi (2015). Por esse motivo, enquanto pesquisadores, nos propomos a desvelar esses vestígios nos textos escritos pelos alunos da disciplina, isto é, flagrar os indícios linguístico-discursivos achados nesta prática languageira⁸, tal qual afirma Orlandi (2015, p. 13) quando menciona que: “Na AD, procura-se compreender a língua fazendo sentido, enquanto trabalho simbólico, parte do trabalho social geral, constitutivo do homem e de sua história” para realizar a interpretação da narrativa criada pelos alunos extensionistas na produção dos *podcasts* que foram enviados aos recuperandos da APAC.

Além do enfoque da Análise do Discurso, a narrativa produzida nos *podcasts* será tratada como dado linguístico e interpretada pelo viés que diz respeito à heterodiscursividade da linguagem marcada pela diversidade que permeia o discurso, por isso, cabe ressaltar o que Authier-Revuz (1990) argumenta sobre os “processos reais da constituição de um discurso” que

⁷ Tomamos como referência o que Paiva (2019) explica a respeito da construção de narrativas como um elemento constituinte da vida e, por isso, está inserido em um determinado contexto de interação e comunicabilidade por que: “[...] as histórias são construídas com eventos da vida, mas permitem também: liberdade de criação, seleção criativa dos fatos e ênfases na interpretação desses eventos.” (PAIVA, 2019, p. 91). No nosso caso, os *podcasts* serão considerados como elementos narrativos produzidos por dois alunos extensionistas do Projeto *Deus é para Todos*, que estão em quarentena, e narram a partir do seu modo de dizer, ler e interpretar conteúdos temáticos ligados à Filosofia e à Teologia para os recuperandos da APAC.

⁸ Esse conceito está sendo empregado aqui para enfatizar a ideia de que comungamos com Charaudeau e Maingeneau (2014), dado que vale pensar a linguagem como um trabalho, ou seja, uma ação sobre o mundo tomada de modo mais amplo tanto em produções orais quanto em produções escritas. Nessas produções, o sujeito deixa entrever ações de *Língua(gem)* sobre si, sobre outrem e situações e, por essa razão, não pode ser pensada e ou interpretada tão somente como atividade comunicacional ou representacional do mundo.

incidem sobre a noção de heterogeneidade enunciativa, ancorada na concepção de que o discurso é atravessado por forças dialógicas.

Para a autora, a concepção “se articula àquela do sujeito que não é uma entidade homogênea exterior à linguagem”, e também se apoia na noção denominada heterogeneidade constitutiva, que se organiza em torno das “formas linguísticas de representação de diferentes modos de negociação do sujeito falante com a heterogeneidade constitutiva do seu discurso, o que se denomina heterogeneidade marcada” (AUTHIER-REVUZ, 1990, p. 26-32).

A noção trazida pela autora embasa-se na perspectiva dialógica da linguagem, proposta por Bakhtin (2011), e evidencia que nossas palavras são inevitavelmente as palavras dos outros, argumentando que o discurso é sempre um interdiscurso.

Além do pensamento de Bakhtin, a autora se apoia nos trabalhos de Freud, destacando que a marca de heterogeneidade pode ser detectável nos momentos (“pontos de heterogeneidade”) de atravessamento do Outro no dizer, ou seja, nos vestígios das múltiplas vozes presentes no discurso.

Entendemos que a produção de sentidos e o(s) uso(s) da linguagem em práticas discursivas evidenciam, para nós, pesquisadores, que as práticas de leitura e escrita são sempre mediatizadas, carregadas de significações, e os sujeitos que delas participam são sempre interpelados por um dizer que vem do Outro.

Sob a perspectiva dos estudos bakhtinianos da linguagem, assumimos que, na narrativa produzida em *podcasts*, se reflete o trabalho do sujeito com e sobre a língua, com e sobre o discurso, constituindo-se um modo de dizer. Assim, as pistas, presentes no texto oral, são vestígios por meio dos quais se pode apreender o modo como o sujeito constrói discursiva e enunciativamente um posicionamento discursivo e identitário. Tal construção ou trabalho se reflete nos modos de dizer, de se posicionar em relação ao outro – o(s) interlocutor (es) em cena, aos discursos e/ou vozes mobilizadas, de forma consciente ou não, e em relação ao seu próprio dizer, conforme Silva (2013).

A amostra a ser analisada neste capítulo por meio da Análise do Discurso e dos Estudos da Linguagem bakhtinianos se sustenta com base na conceituação de amostra intencional não probabilística, que é, conforme aduz Costa e Costa (2014), um tipo de amostragem em que se prevê a seleção dos membros da população estabelecida com base nos princípios de referência do próprio pesquisador tal qual apresenta em outra produção (BRITO, 2019, p. 139).

Os *podcasts* foram construídos pelos alunos extensionistas participantes do Projeto *Deus é para Todos* com a finalidade de produzir uma reflexão acerca de temas filosóficos e teológicos que pudessem ajudar os recuperandos a lidar com a falta de contato com eles no

tempo de isolamento social imposto pela Pandemia, uma vez que, quinzenalmente, os alunos visitariam neste semestre a APAC de Santa Luzia.

O material discursivo produzido nos *podcasts* relaciona-se a conteúdos de Filosofia e Teologia, aos temas discutidos e convocados na memória discursiva dos extensionistas e do professor coordenador para ativar esta memória nos recuperandos. Toda a produção desses arquivos digitais foi estrategicamente escolhida para possibilitar e facilitar um diálogo plausível e que desencadeasse um processo reflexivo entre o grupo de recuperandos. Esses temas comportam a questão da Amizade, em Aristóteles, pontos importantes da perspectiva do Amor para Bertrand Russel, no caso da Filosofia.

No caso da Teologia, o *podcast* que possivelmente pôde retratar este sentimento de medo em relação a este período de Pandemia e que pode trazer uma reflexão acerca do tempo de esperança intitula-se: *O tempo de Deus*.

O conteúdo do referido *podcast* baseia-se na reflexão do capítulo 3 do livro do Eclesiastes, que aborda sobre o momento oportuno e os propósitos de Deus, sobre o tempo e suas nuances. Tempo esse que é o tempo de Deus, ora não entendemos, pois passamos por aflições e angústias em que somos privados de algumas coisas, até mesmo de liberdade, no caso dos recuperandos. Tempo de sonhos e de anseios de dias melhores, dias de libertação, mas é tempo presente, tempo do aqui e do agora, tempo que deve ser valorizado e vivenciado nesse instante.

O tema do Tempo pode funcionar como um motor importante para facilitar a comunicação entre extensionistas e recuperandos. A relação e o diálogo possibilitam a reflexão sobre aspectos que estão por muito esquecidos, como prestar atenção no momento da vida que se faz presente e na importância do amor disparador de relações saudáveis. Dessa forma, esta ferramenta pode favorecer o diálogo com o intuito de promover uma interlocução, mesmo que à distância, entre extensionistas e recuperandos.

À vista disso, abordamos temas condizentes aos conflitos internos provocados pela ansiedade e pelo medo de contágio da doença, bem como temáticas referentes ao estar imerso no espaço e no tempo, às limitações e possibilidades que a vida e a experiência nos imputam enquanto seres imanentes capazes de transcender o aqui e o agora de nossa existência, bem como a experiência do amor e da amizade.

A análise da narrativa produzida no material discursivo dos *podcasts*, sob o viés da oralidade, será interpretada levando em consideração que os sujeitos falantes produtores desta narrativa carregam consigo pistas, vestígios do movimento da linguagem em seu discurso oral tanto no plano sócio-histórico como no campo sócio-histórico e ideológico, por isso, são

atravessados na e pela linguagem nesta relação específica entre extensionistas e recuperandos dessa modalidade do sistema prisional.

PODCASTS: o dizer dos extensionistas - um diálogo recuperandos da APAC - discussão e análise

Em consonância com o que foi explicitado no tópico Orientação Metodológica, elegemos para esta análise linguístico-discursiva dois *podcasts* produzidos pelos alunos extensionistas do Projeto *Deus é para Todos* inscrito no Programa (A) *penas Humanos* da Proex da PUC-Minas que realiza um trabalho de extensão, na APAC de Santa Luzia, região Metropolitana de Belo Horizonte.

Assumimos que, nesta análise, sob as perspectivas da Análise do Discurso Francesa e dos Estudos da Linguagem Bakhtinianos, a narrativa dos alunos nos *podcasts* reflete o trabalho do sujeito com e sobre a língua, com e sobre o discurso. Assim, as pistas, presentes no texto oral narrado, são vestígios por meio dos quais se pode apreender o modo como o sujeito constrói, discursiva e enunciativamente, um posicionamento que pode estar carregado de vozes, marcas do atravessamento do outro em seu dizer.

Flagramos, já no início dos dois *podcasts*, em primeiro lugar, um modo de dizer produzido pelos alunos no lugar social de extensionistas que pode revelar uma tentativa de apreensão do sujeito-ouvinte que ocupa também o lugar social, mas, no caso de recuperando, para a escuta da narrativa que será desenvolvida no arquivo digital: “Olá meus caros da APAC de Santa Luzia” Olá meus amigos da APAC Santa Luzia.”

Nesses enunciados. temos nos dois *podcasts* o emprego do pronome pessoal “meus” que pode ser uma pista linguística que desvela a marca de subjetividade na linguagem. No dizer de Benveniste (1991, p. 286), a linguagem só é possível porque cada locutor se apresenta como sujeito remetendo a ele mesmo como eu no seu discurso.

Essa pista linguística pode sinalizar a capacidade de o aluno, no lugar social de extensionista, de pôr-se como sujeito, de apropriar-se da língua designando-se como eu. É a partir desse fato linguístico que se pode apreender como esse sujeito, na condição de locutor, falando desse lugar enunciativo, para um tu, que o interpela, representa um outro lugar social que é o de recuperando do sistema APAC, que é tratado com proximidade como meus caros e meus amigos. É pela ordem da estima e da amizade que o sujeito, na condição e narrador do *podcast*, já o introduz para a escuta do que sua mensagem poderá enunciar.

E, em segundo lugar, logo após essa introdução pela estima e pela amizade, mostra-se uma outra pista linguístico-discursiva importante, que pode ser um índice do atravessamento da voz-outra característica da heterogeneidade discursiva em: “a gente vai ver o que o Bertrand Russell⁹ fala sobre o amor.”

E em: “... hoje a Palavra de Deus¹⁰ vem-nos trazer uma mensagem do livro do *Eclesiastes*”. Podemos apreender que nesses enunciados há um modo como o sujeito aluno extensionista deixa-se atravessar, inconscientemente, pela voz do Outro e isso pode ser um ponto de revelação de seu posicionamento discursivo e identitário filiado a um campo disciplinar, ou seja, em uma formação discursiva que, no primeiro dizer, é o campo da Filosofia e, no outro, o campo da Teologia.

O discurso pode ser, nesse caso, a manifestação “majestosamente desenvolvida” de um sujeito pensante para se constituir em um espaço de exterioridade, no qual o sujeito pode ocupar diversas posições em diversos lugares, tal qual afirma Foucault (2004) quando nos ensina sobre a dispersão no e do discurso e filiação do sujeito a uma dada Formação Discursiva.

Prosseguindo nossa análise, percebemos que, em um modo de dizer de um dos alunos, ou seja, no modo como ele narra do seu lugar de filiação ao discurso teológico, há uma pista linguística que se desvela no emprego do sintagma nominal tempo utilizado sob dois vieses, revelando o tempo como término da pena e o tempo como algo que passa para o fim da pandemia (que é referida no dizer como peste): “Acredito que certamente uma das coisas que vocês como recuperandos mais refletem é sobre o tempo, sobretudo sobre quando chegará o término da pena” e “esse tempo que ficará marcado na história do século 21 como o tempo da peste passe logo”. Aqui o sujeito, no lugar de narrador, deixa entrever um atravessamento interessante da voz outra no seu dizer, o tempo da pena e o tempo da pandemia são tratados como algo proveniente de um castigo, e como algo a ser cumprido e que deva passar, uma vez que vem enunciado como algo proveniente de sua própria crença, o que pode ser demonstrado no emprego do verbo “acreditar” falado na primeira pessoa do singular, no tempo presente do indicativo: “Acredito que...”.

Logo em seguida, ele faz um preceito, produzindo uma orientação na qual está se incluindo não como parte desse processo e sim como alguém que ficou afetado por esse

⁹ Filósofo britânico que, além de ser matemático, atuou em áreas como a Psicologia e a Física e afirmava que a educação é um ato de civilizar e que era preciso ter gosto pela vida e consideração pela espiritualidade. Esta referência é marca de um processo de negociação que o sujeito falante fez com alteridade inscrita no campo disciplinar em que ele se filia.

¹⁰ Lembramos aqui que a palavra que é referida neste momento do modo de dizer não é qualquer palavra e sim A PALAVRA, de Deus aqui representada pelo atravessamento do Outro, isto é a homogeneidade aparente do seu dizer foi afetada pela inscrição do discurso do outro em seu dizer.

isolamento social da Pandemia, que nos foi prescrito como a pena foi imposta aos recuperandos: “... mas não para que a gente volte ao normal, mas que ele sirva para cada um de nós como oportunidade única de reflexão, para revermos como estamos vivenciando a nossa experiência aqui no agora de nossa existência”.

Além disso, a repetição do *mas*, no discurso oral, pode ser identificada como algo que enuncia uma posição discursiva opinativa, intensificando e enfatizando sua crença e denotando um prognóstico avaliativo “mas não para que a gente volte ao normal” e como conjunção coordenativa adversativa, que restringe essa volta a(o) norma(l): “mas que ele sirva para cada um de nós como oportunidade única de reflexão”, que provavelmente pode declarar o que ele acredita ser importante. E, por isso, quer passar adiante, pois, em seguida, diz, usando o verbo “rever” na primeira pessoa do plural como um chamamento de um nós que se encontra no momento de transitoriedade e é afetado como no cumprimento da pena e no cumprimento do isolamento social da Pandemia pela Covid-19.

Esta paridade de cumprimento de pena e de isolamento social do sujeito falante, que narra o *podcast* sobre o tempo ancorado no livro do Eclesiastes, deixa entrever, nesse modo de dizer do seu lugar de aluno extensionista, algo do tempo vivido que nos atravessa e que é preciso viver o aqui e o agora do que não pode ser mudado: a prisão e o distanciamento relacional compulsório.

Desenvolvendo nossa análise linguístico-discursiva, notamos que o outro aluno, também do seu lugar social de extensionista, faz uma recomendação aos recuperandos quando diz: “O amor é sábio, o ódio é tolo. Nesse mundo que está cada vez mais interconectado, nós temos que aprender a tolerar uns aos outros...” Esta recomendação está sendo produzida na forma de oposição entre amor *versus* ódio, sabedoria *versus* tolice, um apelo à tolerância como um processo de aprendizagem.

E, em seguida, afirma: “... nós temos que aprender a aceitar o fato de que algumas pessoas dizem coisas que não gostamos.” O uso do pronome pessoal, na primeira pessoa do plural, pode indicar que o sujeito falante está fazendo um certo pedido de inclusão neste grupo, uma vez que emprega esta pista linguística (nós) sob a perspectiva da tolerância e da aceitação por duas vezes na sua narração.

Dessa forma, podemos perceber que esse aluno revela um posicionamento discursivo e identitário de alguém que quer se aproximar desse grupo (o dos recuperandos da APAC), pois renuncia o seu desejo de pertencimento a essa atividade de extensão que pode ficar mais evidente quando diz: “Eu quero que vocês façam uma roda, respeitando as limitações de distância um do outro, e que vocês reflitam sobre o amor, e como é... a reflexão do amor é

importante que a gente recupera no nosso dia a dia...”.

Nessa preleção sobre a reflexão do amor, notamos uma reiteração por parte desse aluno para que o sentido de grupo seja preservado, mesmo neste tempo de Pandemia: “façam uma roda, respeitando as limitações de distância um do outro”. E também o uso do verbo “querer”, neste caso, conjugado na primeira pessoa do presente do indicativo, pode estar relacionado com a carga semântica de aspiração, de desejo, manifestado pelo viés do amor fraternal, revelando um cuidado com o outro.

Considerações Finais

Neste trabalho, buscamos construir um olhar em sintonia com os fundamentos dos Estudos da Linguagem Bakhtinianos, da Análise do Discurso Francesa, de pontos essenciais da teoria de Lévinas e, também, dos elementos da Teologia no que diz respeito, sobretudo, ao princípio da dialogicidade da linguagem, da alteridade, da integralidade da vida.

Essas orientações teóricas postulam que a construção do indivíduo, como sujeito social, histórico e cultural, se dá em práticas de linguagem promovidas pelas (e nas) interações sociais, e, em razão disso, os sujeitos não são seres adâmicos ou seres de uma única voz. Isso permitiu a este estudo explorar, na atividade de análise dos dados, os modos de dizer dos alunos extensionistas quando tiveram a missão de preparar, neste tempo de Pandemia, artefatos pedagógicos (*os podcasts*) que pudessem produzir um efeito para os recuperandos da APAC, com o intuito de contribuir com a aposta na e pela palavra como forma de insistir na relação dialógica entre o eu e outro, muitas vezes relegada ao segundo plano em nossa sociedade contemporânea, especialmente quando se trata de pessoas em situação de marginalização.

Ao produzirem os *podcasts*, os alunos extensionistas, com o seu modo de dizer, puseram em cena: posicionamentos discursivos e identitários, explícita ou implicitamente, que, necessariamente, sem termos a pretensão de generalizar, revelaram como o isolamento social imposto pela Covid-19 atravessou o seu dizer e afetou suas identidades como partícipes do Projeto *Deus é para Todos*, mas não os deixaram sem esperança e, por isso, disseram, narram sobre o Amor e o Tempo.

A complexidade da construção discursiva e identitária flagrada no modo de dizer e narrar dos alunos extensionistas pôde ser notada no que foi produzido nos dois *podcasts*, o do Amor e o do Tempo. E essa produção pode exprimir, por meio do Projeto de Extensão, o reflexo de uma aposta na e pela palavra, sobretudo por sermos seres de diálogo, em conflito, em tensão, com vozes vindas da prisão e do isolamento social impostos a nós, seres livres que, no cotidiano,

podíamos transitar livremente pela cidade e, a partir de um determinado momento, nos vimos presos em casa, tendo que participar ativamente de um Projeto Extensão cuja ação era transmitir a palavra para um lugar em que o outro, preso por cometer infração diante da Lei, precisa de ser acolhido.

Talvez seja este o nosso maior aprendizado, que transcende a sala de aula presencial, perpassa pelo trabalho extensionista, em um Regime Letivo Remoto, provisório, mas que se revela em uma aposta de um trio (dois alunos e um professor extensionistas) que dão crédito ao que o humano tem de melhor: viver o amor, a amizade e a solidariedade em um tempo em que a peste se instaura. E não desistir sob a perspectiva de um *Trem Bala* bem ao modo de Ana Vilela: “É sobre saber que em algum lugar Alguém zela por ti”, principalmente quando se trata dos excluídos, ou seja, “Não é sobre ter”.

REFERÊNCIAS

AUTHIER-REVUZ, Jaqueline. Heterogeneidade(s) enunciativa(s). **Caderno de Estudos Linguísticos**. Campinas, n.19, p. 25-42, 1990.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. **Os gêneros do discurso**. Trad. Paulo Bezerra, São Paulo: Editora 34, 2016. 174 p.

BENVENISTE, E. **Problemas de linguística geral I**. 5. ed. São Paulo: Pontes, 2005. 378 p.

BRITO, Robson Figueiredo. **Um estudo da construção de posicionamentos identitários assumidos por estudantes pibidianos em relatos orais sobre a temática do tornar-se professor**. 2016 (Dissertação de Mestrado). Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016.

BRITO, Robson Figueiredo. **Posicionamentos discursivos e identitários de sujeitos universitários em experiência de letramento acadêmico em um curso de Direito**. 2019 (Tese de Doutorado). Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2019.

CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. **Dicionário de análise do discurso**. Trad. Fabiana Komesu. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2014. 555 p.

COSTA, Marco Antonio F. da; COSTA, Maria de Fátima Barrozo da. **Projeto de pesquisa: entenda e faça**. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2014. 140 p.

FERNANDES, Vladmir. **Cassirer: a filosofia das formas simbólicas**. Disponível em: <https://nilsonjosemachado.net/lca6.pdf>. Acesso em: 18 jun. 2020. p. 2-5.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. 7. ed. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004, 236 p.

HOBBS, Thomas. **Leviatã**: ou matéria, forma e poder de um estado eclesiástico e civil. São Paulo: Martin Claret, 2009. 489 p.

LÉVINAS, Emmanuel. **Entre nós**: ensaios sobre a alteridade. Tradução de Pergentino Stefano; Evaldo Antônio Kuiava; José Nedel; Luiz Pedro Wagner e Marcelo Luiz Pelizolli. 2. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2004. 302 p.

LÉVINAS, Emmanuel. **Ética e infinito**. Tradução de João Gama. Lisboa: Edições 70, 2007. 104 p.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Análise do discurso**: princípios e procedimentos. 12. ed. São Paulo: Pontes, 2015. 100 p.

PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira. **Manual de Pesquisa em estudos linguísticos**. São Paulo: Parábola, 2109. 160 p.

SILVA, Jane Quintiliano Guimarães; GOMIDE, Renata Oliveira Marques. Posicionamentos identitários em escrita da esfera acadêmica. **Scripta**, Belo Horizonte, v. 17, n. 32, p. 219-240, 1º sem. 2013.

VILELA, Ana. **Trem-bala**. Rio de Janeiro: SLAP, 2017. Disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=7G8J18Q82Xg> Acesso em: 17 jun. 2020.

VOLÓCHINOV, V. N.(b) **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico da linguagem. Trad. Sheila Grilo e Ekaterina Vólkova Américo, São Paulo: Editora 34, 2017. 376 p.

WICKS, J. **Introdução ao método teológico**. 4. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014. 136 p.